

ASPECTOS MULTIMODAIS DE CARTAS LÉXICAS DE DOIS ATLAS LINGUÍSTICOS CEARENSES

MULTIMODAL ASPECTS OF LEXICAL CHARTS FROM TWO LINGUISTIC ATLAS OF CEARÁ

Hugo Leonardo Gomes dos Santos¹

Antônio Luciano Pontes²

Resumo:

O Atlas Linguístico do Brasil é um projeto complexo, contando com diversas equipes e núcleos por todo o território brasileiro. Ao longo de sua execução, as equipes regionais e estaduais contaram com vários voluntários, estudantes de graduação e de pós-graduação interessados em contribuir com o projeto. Esse projeto rendeu, além da publicação da primeira parte do Atlas Linguístico do Brasil, referente aos dados das capitais brasileiras, algumas pesquisas sobre territórios que não estão na lista de pontos do projeto nacional, bem como de aspectos linguísticos revelados a partir dos dados do Atlas. Assumindo que as cartas léxicas são textos lexicográficos (HAENSCH, 1997) e, portanto, multimodais (PONTES, 2009), neste trabalho, vamos analisar, a partir da Teoria da Multimodalidade, dez cartas léxicas produzidas em duas pesquisas de pós-graduação (MONTEIRO, 2011; SARAIVA, 2019). As cartas foram analisadas a partir das categorias da função composicional da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2014): valor de informação, saliência e enquadramento. Os resultados encontrados dão indícios de que existem tanto regularidades quanto divergências nas três categorias analisadas, tendo em vista que, embora de maneiras diferentes, os dois atlas apresentam uma organização dos elementos do texto em um eixo vertical de leitura, a utilização da cor como recurso de Saliência e o uso de espaços em branco para estabelecer blocos informações no texto.

Palavras-chave: Multimodalidade. Lexicografia regional. Função composicional.

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará - UFC

2 Professor Titular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Abstract:

The Linguistic Atlas of Brazil is a complex project, with several teams and centers throughout the Brazilian territory. Throughout its execution, the regional and state teams had several volunteers, undergraduate and graduate students interested in contributing to the project. This project yielded, in addition to the publication of part of the Linguistic Atlas of Brazil, regarding data from Brazilian capitals, some research on territories that are not on the list of points of the national project. Assuming that lexical charts are lexicographic texts (HAENSCH, 1997) and, therefore, multimodal (PONTES, 2009), in this work, we will analyze ten lexical charts produced in two graduate studies (MONTEIRO, 2011; SARAIVA, 2019), based on Metalexigraphy and Multimodality Theory. The charts were analyzed from the categories of the compositional function of the Grammar of Visual Design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2014): value of information, salience and framing. The results found indicate evidences of regularities and divergences in the three categories analyzed, considering that, although different manners, the two atlases displaying an organization of the text elements in a vertical reading axis, a use of color as a Salience feature and the use of blanks to configure blocks of information in the text.

Keywords: Multimodality. Regional lexicography. Compositional function.

Introdução

No final da década de 1990, iniciou-se no Brasil a elaboração de um projeto ousado, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Em 2014, os primeiros volumes do ALiB começaram a ser publicados, no entanto, os frutos desse projeto não se resumem ao atlas em si. Podemos observar o desenvolvimento de inúmeros projetos de pesquisas inspirados no ALiB interessados em investigar territórios que não foram contemplados na seleção de pontos geográficos do projeto nacional.

Para além da produção de atlas linguísticos, há também pesquisas desenvolvidas com a finalidade de contribuir para nossa compreensão das nuances do português falado no Brasil. Os trabalhos produzidos a partir de dados de atlas linguísticos abordam fenômenos relacionados à fonética (BRANDÃO; ROCHA, 2014; RAMOS *et al.*, 2014;), à prosódia (SILVESTRE; CUNHA, 2014) e à variação linguística (ARAGÃO, 2014; COSTA; ISQUERDO, 2014; RAZKY; COSTA, 2014).

Os trabalhos citados utilizam dados dos atlas linguísticos produzidos para investigar aspectos específicos da língua. Entretanto, em nosso trabalho, tomamos as cartas léxicas como objeto de estudo sob a ótica da Metalexigrafia (PONTES, 2009) e da Multimodalidade (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006). Dessa forma, nosso objetivo é investigar os aspectos composicionais das cartas léxicas de dois atlas linguísticos cearenses.

Nossa hipótese aponta para dois aspectos. Primeiro, devido a possíveis regularidades na forma de apresentação das cartas léxicas, acreditamos que a utilização de recursos de Enquadramento e de Valor de informação se dá de forma semelhante, apontando inclusive

para a configuração de um gênero textual. Segundo, questões de autoria e de estilo podem levar à diversificação de recursos de Saliência.

Este artigo se encontra dividido em três seções que abordam, respectivamente, os aspectos teóricos envolvidos nesta pesquisa, os aspectos metodológicos adotados e as análises das cartas léxicas. Inicialmente, é importante destacarmos a fundamentação teórica do trabalho, focando nas relações entre a Dialetoлогия e a Lexicografia e nos aspectos da função composicional da Gramática do Design Visual.

1. Fundamentação teórica

As raízes do ALiB remontam ao surgimento da Dialetoлогия no Brasil, na década de 1820, com o interesse de diversos estudiosos na elaboração de dicionários e glossários de falares regionais. Em 1920, início da segunda fase da Dialetoлогия brasileira, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), temos a publicação de duas obras marcantes para a área “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral (2020), e “O linguajar carioca”, de Antenor Nascentes (1953).

Na terceira fase, ainda segundo Ferreira e Cardoso (1994), utilizando-se da Geografia linguística enquanto método, a Dialetoлогия volta sua atenção para a investigação de marcas linguísticas que definiriam as áreas dialetais do Brasil. Dessa forma, os estudos dialetais se ocupam da descrição e análise de fatos linguísticos observados no território investigado, destacando “as diferenças regionais (diatópicas) e as diferenças sociais, sejam elas decorrentes da variedade de idade (diageracionais), de sexo (diassexuais) ou de nível sociocultural (diastráticas), entre outras” (CARDOSO, 2016, p. 16).

Como é possível perceber, a relação entre a Dialetoлогия e a Lexicografia apresenta raízes históricas. No entanto, a relação entre os atlas linguísticos, produtos da Dialetoлогия e da Geolinguística, e os dicionários, produtos da Lexicografia, ainda resta pouco explorada. Apenas Monteiro (2011) e Pontes e Monteiro (2014) apresentam discussões a respeito. Sobre a relação entre os atlas linguísticos e os dicionários, Haensch (1997) afirma que os atlas

[...] podem ser considerados como inventários onomasiológicos, uma vez que se preocupam pelas denominações de um referente em distintos pontos de um perímetro determinado (uma região, um país), mas como oferecem materiais geograficamente diferenciados, podem ser considerados também como repertórios que registram léxico com marcação diatópica (HAENSCH, 1997, p. 81).

Dessa forma, os atlas linguísticos podem ser considerados como produtos lexicográficos, levando-se em consideração a natureza de suas informações e também sua organização. Os dicionários apresentam uma organização em diversos níveis estruturais

que se complementam (PONTES, 2009; WELKER, 2004). O nível global, megaestrutura, compreende toda a obra de capa a capa. Ao abrir o dicionário, encontramos vários gêneros textuais que introduzem a obra e informam o leitor sobre como manusear o dicionário. Estes são os textos externos, que antecedem e precedem a relação de verbetes que compõem o núcleo da obra. O conjunto dos verbetes que compõem é chamado de macroestrutura do dicionário, trata-se de uma relação de entradas geralmente organizadas em ordem alfabética. Finalmente, a microestrutura corresponde às informações constantes nos verbetes para cada entrada.

De forma semelhante, de acordo com Pontes e Monteiro (2014), os atlas linguísticos apresentam uma introdução que informa sobre a pesquisa e sobre o manuseio das cartas, o conjunto de cartas e um índice onomástico ao final. Nesta analogia, os textos externos seriam a introdução, a apresentação das cartas e o índice onomástico; o conjunto de cartas formaria a macroestrutura do atlas e cada carta corresponderia a um verbete.

Ainda sobre a relação entre Geolinguística e Lexicografia, Pontes e Monteiro (2014) destacam que o diálogo entre essas áreas é bastante produtivo, tendo em vista que a produção de atlas linguísticos pode auxiliar na comprovação de marcas de uso geográficas e na elaboração de dicionários regionais. A partir dos apontamentos de Haensch (1997), Pontes (2009) e Pontes e Monteiro (2014), podemos afirmar que os atlas linguísticos também são textos lexicográficos.

Assim sendo, podemos analisar os atlas linguísticos levando em consideração as características do texto lexicográfico apontadas por Pontes (2009). O autor destaca que o texto lexicográfico se apresenta como: Intertextual; Polifônico; Ideológico; Multimodal; e Didático. Analisar todos esses aspectos extrapola os objetivos de nosso trabalho, então, focamos por hora no aspecto multimodal do texto lexicográfico.

Para compreendermos esse aspecto multimodal do texto lexicográfico apontado por Pontes (2009), é necessário observar como Kress e van Leeuwen (2006) descrevem o texto multimodal. Os autores afirmam que o texto multimodal constrói seus significados utilizando mais de um meio semiótico. Nesses textos, então, diversos modos de linguagem, como imagens, símbolos, figuras, gráficos, sons etc. podem figurar para atuar na construção de sentidos, além do código verbal.

A Gramática do Design Visual (GDV) foi elaborada com o objetivo de compreender esses textos que circulam em nossa sociedade sob um ponto de vista descritivo e culturalmente orientado. A GDV tem inspiração na Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e apresenta três funções: representacional, interativa e composicional.

As possibilidades de aplicação das categorias da GDV na análise de dicionários já foram atestadas em algumas pesquisas acadêmicas. Existem trabalhos sobre a função representacional (SILVA, 2006), sobre a função interativa (SOUSA, 2014; SOUSA;

NASCIMENTO; SANTOS, 2018) e sobre a função composicional (SANTOS; SOUSA; ALMEIDA, 2015; SANTOS; SOUSA; PONTES, 2018).

Nosso foco é a análise das cartas léxicas sob o ponto de vista composicional, então, a partir daqui, passamos a explorar essa função. O princípio de análise da função composicional está centrado na construção dos significados do texto a partir da organização dos elementos que compõem o texto multimodal na página. Os aspectos que formam a composição do texto multimodal, segundo Kress e van Leeuwen (2006) são: Valor de informação, Saliência e Enquadramento.

O primeiro aspecto, Valor de informação, trata do posicionamento horizontal e vertical dos elementos no texto. Os autores observaram que a posição dos elementos na página teria relação com dois aspectos, a saber, a criação de eixos de leitura e a atribuição de valor a informação carregada pelos elementos.

Quando o texto se organiza com elementos posicionados um acima do outro, temos o eixo vertical de leitura e a valoração das informações estaria relacionada ao binômio Ideal-Real. Assim, se a informação é tida como real ou se quer tratar como real, o elemento relacionado a ela estaria posicionado na porção inferior do texto, enquanto uma informação tida como idealizada estaria na porção superior.

Quando o texto apresenta elementos posicionados lado a lado, temos o eixo horizontal de leitura e as informações seriam categorizadas com os valores Dado (elemento à esquerda) e Novo (elemento à direita). Quando ocorre o posicionamento de elemento no centro da página e outros ao seu redor, temos uma relação de Centro (informação nuclear ou principal) e Margem (informação subordinada ou secundária).

Há também a possibilidade de organizar os elementos em forma de tríptico, criando três blocos informacionais. Sobre essa estruturação, Kress e van Leeuwen (2006, p. 199) afirmam que ela pode ser percebida como a relação Margem – Centro – Margem, em que as informações das Margens estariam subordinadas ao elemento posto no Centro do texto, ou pode haver uma polarização das informações de cada porção “[...] em que o Centro age como Mediador entre Dado e Novo [numa estrutura de tríptico horizontal] ou entre Ideal e Real [numa estrutura de tríptico vertical]”.

O segundo aspecto, Saliência, trata do destaque dado aos elementos que compõem o texto. A Saliência está relacionada às cores, ao tamanho dos elementos e ao detalhamento deles, por exemplo. São aspectos que servem para destacar elementos e direcionar o olhar do leitor, definindo possíveis caminhos de leitura do texto. Quanto maior o destaque dado a um elemento do texto, maior é a sua relevância para o texto.

O terceiro aspecto, Enquadramento, diz respeito ao modo como os elementos que constituem o texto se conectam. A conexão entre elementos do texto é expressa através de setas, linhas, molduras e semelhança de cores, por exemplo. A presença ou ausência desse

tipo de recursos determina se a conexão entre os elementos que compõe o texto é forte ou fraca, indicando se os componentes textuais apresentam características semelhantes, se os elementos do texto carregam informações que se complementam ou se eles podem ser considerados de uma mesma classe ou hierarquia.

2. Aspectos metodológicos

Para facilitar a compreensão de aspectos mais específicos de nosso trabalho, é importante resgatar, neste ponto, nosso objetivo de pesquisa, qual seja, investigar os aspectos composicionais de cartas léxicas pertencentes a dois atlas linguísticos cearenses. Dessa forma, esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva, apresentando natureza qualitativa e exploratória, devido a escassez de pesquisas que tomam as cartas léxicas como objetivo de pesquisa.

Como fontes de nossa pesquisa, selecionamos dois atlas linguísticos resultados de pesquisas de pós-graduação, um do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC) e outro do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). O critério de seleção adotado foi o de atualidade, isto é, selecionamos o atlas mais recente de cada programa. Assim, os trabalhos selecionados foram: “Atlas fonético e léxico-semântico da região do Cariri cearense (Alicace)” (SARAIVA, 2019) e “Atlas linguístico léxico-semântico de Capistrano” (MONTEIRO, 2011).

Os dois trabalhos basearam seus procedimentos metodológicos nas orientações do ALiB, adotando pontos geográficos dos territórios estudados a partir de aspectos históricos, sociais e econômicos, conduzindo os inquéritos de acordo com os questionários do ALiB. A diferença que precisamos destacar está na seleção de informantes. Enquanto Saraiva (2019) seleciona quatro informantes com escolaridade de nível fundamental por localidade, adotando as variáveis sociais “sexo” e “faixa etária”, Monteiro (2011) inclui mais quatro informantes de nível superior distribuídos também por “sexo” e “faixa etária”, modelo de seleção de informantes do ALiB aplicado às capitais dos estados brasileiros. Assim, Monteiro (2011) seleciona oito informantes por localidade.

Como os pesquisadores usaram como metodologia de seus trabalhos adaptações da metodologia e do questionário adotada no ALiB, a comparação entre os atlas produzidos é viável. Selecionamos para análise as cinco primeiras cartas léxicas de cada trabalho. Dessa forma, temos as cartas “córrego/riacho”, “pinguela”, “redemoinho (de água)”, “onda (de rio)” e “redemoinho (de vento)”, de Saraiva (2019, p. 236-240), e as cartas “riacho”, “redemoinho (de água)”, “onda (de rio)”, “redemoinho (de vento)” e “raio”, de Monteiro (2011, p. 109-114).

As cartas foram analisadas a partir das categorias da função composicional da GDV. As categorias são as seguintes: (1) Valor de informação, referente ao posicionamento

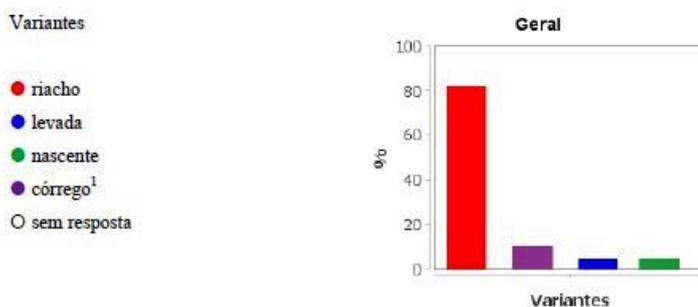
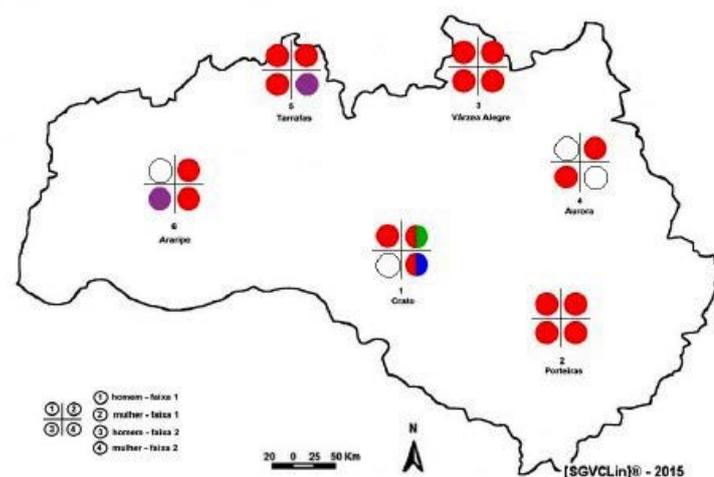
dos elementos na página; (2) Saliência, referente aos recursos utilizados para ressaltar os elementos do texto; e (3) Enquadramento, referente aos recursos de conexão e desconexão de elementos no texto.

Em relação aos procedimentos adotados, inicialmente, empreendemos a seleção dos atlas e a composição do *corpus* para análise. Em seguida, descrevemos a organização dos elementos que compõem as cartas para a identificação dos recursos de composição dos textos. Por fim, analisamos as cartas de acordo com as categorias apontadas anteriormente.

3. Análises e discussões

Inicialmente, é interessante descrevermos uma carta léxica de cada atlas em análise para destacarmos os recursos empregados. Seleccionamos, aqui, a carta número 1 que nos dois atlas corresponde à carta “riacho”. Primeiro, vamos descrever a carta Saraiva (2019, p. 236).

QSL 1 – Como se chama um rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?



Nota:
1. Foi registrada a variante fonética [ˈkɔʁiɡu] pelo informante ARA3.

Imagem 1

Na parte superior da carta, há da esquerda para a direita, um pássaro com penas vermelhas na cabeça que é o símbolo do projeto “Alicace”, em seguida, em uma moldura simples, há o título do atlas e, por fim, temos a numeração da carta, em negrito, e sua

identificação lexical, os itens lexicais esperados como resposta em caixa alta. Logo abaixo, temos a pergunta do QSL que dá origem aos dados apresentados na carta.

Abaixo da pergunta, temos o mapa com a identificação nominal dos pontos geográficos da pesquisa, isto é, as localidades investigadas. Cada localidade apresenta quatro informantes, representados por círculos e separados por linhas perpendiculares que formam uma cruz. Cada círculo encontra-se em um quadrante diferente. Os círculos são coloridos e a cor predominante é o vermelho. Abaixo do mapa, mas ainda próximo a ele, temos a legenda dos informantes, os círculos, agora em branco, são numerados e cada número corresponde a um perfil social de informante; em seguida, encontra-se a escala do mapa e uma seta indicando o norte geográfico.

Abaixo do mapa, um pouco mais distante, temos à esquerda da legenda das cores utilizadas no mapa para indicar as variantes usadas pelos informantes e, à direita, um gráfico de barras com o quantitativo de respostas por variante. As variantes no gráfico são identificadas pelas mesmas cores informadas na legenda à esquerda. Novamente, o vermelho indica a variante mais recorrente e é a primeira variante apresentada, na legenda e no gráfico. Abaixo das legendas, pode aparecer alguma nota sobre a produção fonética observada na resposta de algum informante ou de alguma localidade.

Agora, vamos descrever os recursos usados na carta “riacho” de Monteiro (2011, p. 109).

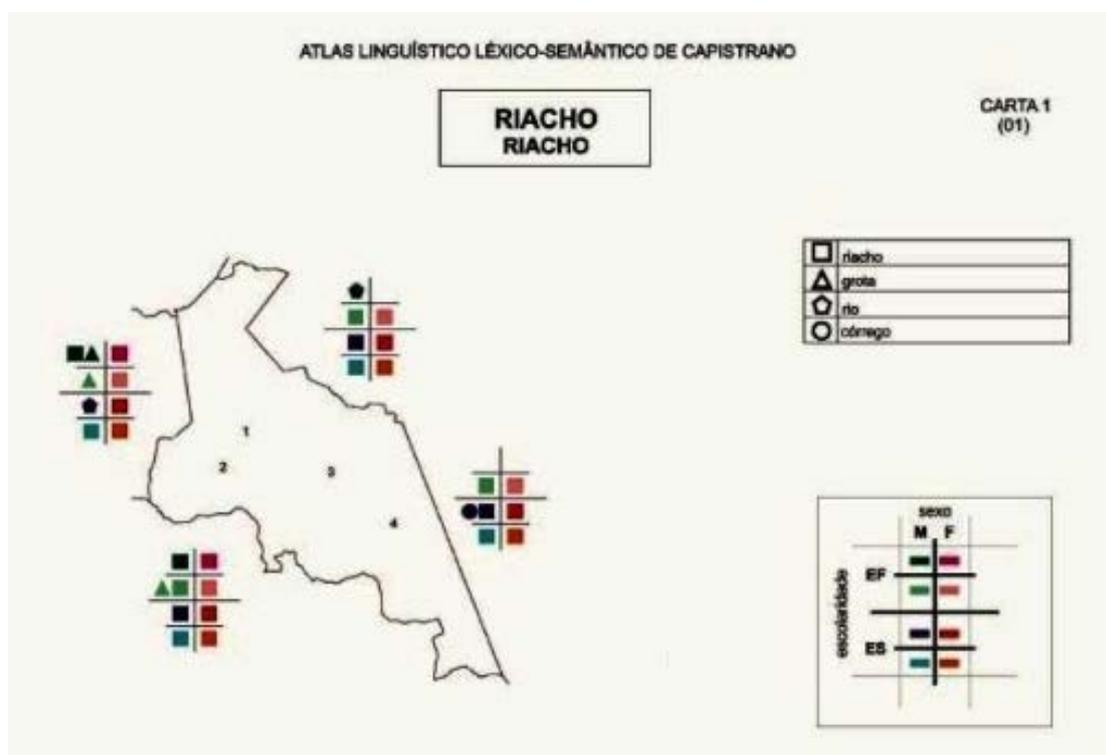


Imagem 2

Na parte superior da carta, centralizado, há o título do atlas. Logo abaixo, em uma moldura simples, temos a identificação da carta em duas linhas, a primeira expressa

a norma nacional, em tamanho maior, e a segunda, norma local, em letra menor, ambas em caixa alta e em negrito. No canto superior esquerdo, temos a numeração da carta e, abaixo, a identificação da pergunta do QSL entre parênteses.

Abaixo da moldura com a identificação da carta, temos dois blocos de informação. O primeiro, à esquerda, consiste no mapa com as marcações das localidades investigadas e a representação dos informantes e suas respostas. O segundo, à direita, consiste nas legendas das variantes e dos informantes e suas características sociais.

Sobre os elementos à esquerda, temos o mapa com números em seu interior indicando os pontos geográficos da pesquisa e, próximo ao mapa, encontramos a representação das respostas obtidas por informante através de símbolos (variantes) e cores (perfil social do informante). Essa representação é organizada em uma espécie de tabela sem bordas externas de duas colunas e quatro linhas. As retas horizontais que separam as linhas 1 e 2 e as linhas 3 e 4 têm o mesmo tamanho, enquanto a reta que separa as linhas 2 e 3 é maior. A reta vertical que separa as colunas vai de uma ponta a outra da tabela.

Sobre os elementos à direita, temos dois quadros, um acima do outro. O primeiro apresenta os símbolos utilizados, sem preenchimento, e as variantes a que correspondem. O primeiro símbolo, um quadrado, representa sempre a variante mais usada, isto é, a norma local. Por vezes, na indicação das variantes, também são apresentadas as variações fonéticas observadas. O segundo apresenta a legenda dos perfis sociais dos informantes distribuídos por faixa etária, sexo e escolaridade. Para cada perfil social de informante é utilizada uma cor diferente.

Descritas as cartas, passemos às análises dos aspectos composicionais observados. Em relação ao primeiro aspecto, Valor de informação, temos nas cartas de Saraiva (2019) uma organização em tríptico vertical, pois o eixo de leitura elaborado na carta se dá da parte superior para a inferior do texto. Nesse contexto, podemos observar um *continuum* que vai das informações mais abstratas, na parte superior, para as mais concretas, na porção inferior. Dessa forma, temos no polo abstrato a identificação do projeto de pesquisa; numa posição intermediária, a representação simbólica tanto do espaço geográfico como das expressões linguísticas observadas através da variação linguística nas localidades investigadas; por fim, no polo concreto, temos acesso às variantes utilizadas pelos informantes e ao seu quantitativo.

Já as cartas de Monteiro (2011), apresentam o mesmo eixo de leitura, no entanto, só é possível identificar dois blocos informacionais na relação Ideal-Real. As identificações do atlas e da carta léxica funcionam como informações abstratas do texto, enquanto o mapa com suas informações e as legendas que permitem sua leitura e compreensão seriam informações reais sobre os aspectos dialetológicos e sociolinguísticos observados.

Em relação ao segundo aspecto, Saliência, nos dois atlas, observamos o mesmo recurso sendo utilizado para conferir destaque a informação, a cor. No entanto, cada

atlas investigado utiliza as cores de forma diferente. Saraiva (2019) usa o vermelho para destacar as informações mais importantes de seu atlas, chamando a atenção do leitor para o símbolo do projeto e para a variante mais usual de suas cartas. Monteiro (2011), por sua vez, usa várias cores diferentes, cada uma para representar os perfis sociais adotados na pesquisa. À primeira vista, esse uso não favorece a leitura da carta, no entanto, se buscarmos informações relacionadas a um perfil social específico, as identificação dos perfis por cores podem auxiliar essa leitura.

Em relação ao terceiro aspecto, Enquadramento, podemos observar que o principal recurso utilizado para indicar relações mais próximas ou mais distantes entre as informações foram os espaços em branco. A presença de espaços em branco nos permite delimitar blocos de informação e observar como todos esses blocos estão relacionados. Cabe destacar ainda a utilização que podemos observar em Saraiva (2019) do texto verbal, a pergunta do QSL, para criar uma linha divisória entre as informações mais abstratas da carta, na porção superior do tríptico, das informações concretas obtidas em sua pesquisa, o mapa com a representação das respostas dos informantes e suas legendas.

É importante destacar, por fim, que os aspectos composicionais analisados refutam nossa hipótese inicial. Acreditávamos que apenas os recursos de Saliência seriam utilizados para expressar um estilo individual de elaboração das cartas léxicas, mas encontramos, a despeito das semelhanças, pontos divergentes em todas as categorias analisadas.

Considerações finais

Nesse ponto do trabalho, é interessante resgatar o nosso objetivo de pesquisa, qual seja, investigar os aspectos composicionais, Valor de informação, Saliência e Enquadramento, das cartas léxicas de dois atlas linguísticos cearenses. Como destacado anteriormente, acreditávamos que a utilização de recursos de enquadramento e de Valor de informação apresentariam regularidades que apontariam para a estruturação de um gênero textual, enquanto os recursos relacionados ao aspecto da Saliência expressariam uma identificação de estilo autoral.

Os resultados encontrados mostram convergências e divergências quanto à composição dos atlas. As regularidades encontradas se manifestam na organização dos elementos do texto em um eixo vertical de leitura, no uso das cores como recurso de Saliência e no uso de espaços em branco para estabelecer blocos de informações no texto. No entanto, enquanto Saraiva (2019) organiza seu eixo vertical em um tríptico, usa a cor para estabelecer uma identidade visual para seu atlas e estabelece limites entre dois blocos informacionais por meio do texto verbal, Monteiro (2011) organiza o eixo de leitura vertical em uma relação simples entre dois blocos informacionais, usa a cor para identificar os perfis sociais dos informantes e usa apenas os espaços em branco para diferenciar os blocos informacionais de suas cartas.

Vale ressaltar que um conjunto de dez cartas de dois atlas linguísticos não nos permite tecer afirmações mais categóricas sobre o tema. No entanto, os dados levantados e os resultados obtidos dão indícios de que tomar as cartas léxicas como objeto de pesquisa pode ser um caminho produtivo.

Nesse sentido, uma possibilidade de pesquisa que aprofundaria a discussão aqui iniciada poderia contemplar a análise de mais atlas linguísticos, tornando possível, com o aparato teórico adequado, elucidar as características do gênero textual “carta léxica”, bem como as suas possíveis marcas de estilo e de autoria. Em outra direção de pesquisa, adotando o ponto de vista da definição dos atlas enquanto produtos lexicográficos, seria interessante investigar os outros aspectos que Pontes (2009) destaca do texto lexicográfico, buscando perceber os aspectos intertextuais, polifônicos, ideológico e didáticos observáveis nos atlas linguísticos.

Por fim, retornando ao foco do presente trabalho, é importante destacar que os atlas analisados apresentam uma composição simples, utilizando poucos recursos para não sobrecarregar as cartas de informação. A utilização de recursos variados pode, por vezes, dificultar a leitura e desviar o foco do leitor do que realmente seria o objetivo das cartas léxicas, a descrição de fatos linguísticos situados social e geograficamente.

Referências

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020.

ARAGÃO, Maria do S. S. Variantes regionais e sociais de “prostituta” em capitais nordestinas: dados do ALIB. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 127-142.

BRANDÃO, Silvia F.; ROCHA, Fabiane de M. V. A pretônica /e/ na fala de Nova Iguaçu-RJ. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 7-30.

CARDOSO, Suzana A. Dialectologia. *In*: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 13-22.

COSTA, Daniela de S. S.; ISQUERDO, Aparecida N. “Menino”, “guri”, “piá”, “curumim” e “moleque” nas capitais brasileiras: contribuições do projeto ALIB. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 143-163.

FERREIRA, Carlota da S.; CARDOSO, Suzana A. M. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

HAENSCH, G. **Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI**: problemas actuales en lexicografía; los distintos diccionarios; una guía para el usuario; bibliografía de publicaciones sobre lexicografía. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2014.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

MONTEIRO, Jamyle dos S. **Atlas linguístico léxico-semântico de Capistrano**. 2011. 199 f. Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PONTES, Antônio L.; MONTEIRO, Jamyle dos S. Interface entre Geolinguística e Lexicografia Regional: o caso do atlas linguístico. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 243-255.

_____. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RAMOS, Conceição M. A.; ALVES, Cibelle C. B.; ROCHA, Maria F. S.; SANTOS, Wendel S. Pra mim tê uma coisa, eu tenho que trabaiá muito: o apagamento do /R/ final no português falado no Maranhão. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 113-125.

RAZKY, Abdelhak; COSTA, Eliane O. Os itens lexicais cigarro de palha e toco de cigarro nos atlas linguísticos brasileiros. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 165-181.

SANTOS, Hugo L. G.; SOUSA, Ana G. F.; PONTES, Antônio L. Valor de informação em guias de uso de dicionários escolares. *In*: FRANCO, R. K. G.; GONZÁLEZ, P. F.; BEZERRA, T. S. A. M. (Orgs.). **JOINBR**: Encontro Internacional de Jovens Investigadores: Edição Brasil 2017: Investigar para transformar. Campina Grande: Realize Editora, 2018, p. 228-241.

_____; _____; ALMEIDA, Everton C. Análise do enquadramento em guias de uso de três dicionários escolares. *In*: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA, XV. **Anais...** Universidade de Fortaleza, 19 a 23 out. 2015. Fortaleza, 2015.

SARAIVA, Carlos A. M. **Atlas fonético e léxico-semântico da região do Cariri cearense (Alicace)**. 2019. 409 f. Tese (doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2019.

SILVA, Luciana F. P. **Estudo crítico da representação visual do léxico em dicionários infantis ilustrados**. 2006. 139 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

SILVESTRE, Aline P. S.; CUNHA, Cláudia de S. Pelos cantos do Brasil: a variação entoacional da asserção neutra nas capitais do norte do país. *In*: RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. (Orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 49-75.

SOUSA, Ana G. F.; NASCIMENTO, Francisco I.; SANTOS, Hugo L. G. A modalidade em dicionários infantis ilustrados: a representação do real de acordo com a percepção de usuários dessas obras. *In*: FRANCO, R. K. G.; GONZÁLEZ, P. F.; BEZERRA, T. S. A. M. (Orgs.). **JOINBR**: Encontro Internacional de Jovens Investigadores: Edição Brasil 2017: Investigar para transformar. Campina Grande: Realize Editora, 2018, p. 84-100.

_____. **Com a palavra o consulente**: as relações entre imagem e texto em verbetes ilustrados. 2014. 208 f. Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

WELKER, Herbert A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.